



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS DOS MALÊS
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

JULMIRA FERNANDO NANQUE

O RITUAL DE CASAMENTO “KMAR” DO POVO PEPEL

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2022

JULMIRA FERNANDO NANQUE

O RITUAL DE CASAMENTO "KMAR" DO POVO PEPEL

Projeto de Pesquisa apresentado ao Curso de Bacharelado em Humanidades, do Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como parte do requisito de Bacharela em Humanidades.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ana Cláudia Gomes de Souza.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2022

JULMIRA FERNANDO NANQUE

O RITUAL DE CASAMENTO "KMAR" DO POVO PEPEL

Projeto de Pesquisa apresentado ao Curso de Bacharelado em Humanidades, do Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como parte do requisito de Bacharela em Humanidades.

Aprovada em: 03/08/2022.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Ana Cláudia Gomes de Souza (Orientadora)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof.^a Dr.^a Jucelia Bispo dos Santos

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Dr. Ismael Tcham

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	5
2	JUSTIFICATIVA	7
3	OBJETIVOS	8
3.1	GERAL	8
3.2	ESPECÍFICOS	8
4	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	9
4.1	ENTENDENDO O CASAMENTO	9
4.2	ENTENDENDO O CASAMENTO NO POVO PEPEL	11
5	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	15
6	CRONOGRAMA	17
	Referências	18

1 INTRODUÇÃO

O presente projeto de pesquisa tem o objetivo de analisar o ritual de casamento designado de "*Kmar*" do povo Papel, tendo como recorte espacial a região de Biombo, situada ao norte da república da Guiné-Bissau. Além disso, pretendo entender o valor simbólico que o cão "Catchur" representa no mesmo ritual. Ao longo da existência humana, muitas sociedades desenvolveram formas heterogêneas, ou seja, diferentes de consumir uma união entre homem e mulher. Neste cenário, o cão representa a consumação do casamento, de certo modo, o cão representaria o simbolismo que o anel representa nos casamentos contemporâneos.

No casamento pepel o cão simboliza, nesse processo, o selar da união entre os casados, ou seja, de acordo com autores revisados, o cão se torna um dos elementos mais importantes do ritual, pois representa diferentes formas de interpretação futura do que será a convivência dos futuros casais. Sendo assim, durante a cerimônia, no momento do seu sacrifício¹, é feita a interpretação da reação do cão: caso chore mais de que duas vezes, essa reação será considerada de possível maldição ao futuro casal, sendo necessário encontrar um adivinho que possa desvendar a reação do cão e antecipar futuros problemas que os casais poderão enfrentar futuramente.

O povo Pepel representa parte do mosaico étnico que compõe o povo da Guiné-Bissau. Na Guiné-Bissau constata-se diferenças na realização de certos rituais, com distintos sotaques e se diferenciam entre si por meio da territorialidade (por exemplo, há Pepel de Safim, Biombo, Prabis, Bigimita etc). Sendo assim, nesse trabalho como já foi mencionado, faremos uma abordagem do ritual do casamento "Kmar" do povo Pepel, tendo o enfoque da nossa pesquisa em explorar o procedimento da realização do casamento para os papéis da localidade de Biombo.

Biombo constitui uma das oito regiões administrativas da Guiné-Bissau. Além do setor autônomo, ela é a quinta região com maior número de habitantes, concentrando um total de 92.665. Desse número, 43.559 ou 47,0% do total da população desta parte territorial da Guiné-Bissau são homens e 49.106 ou 53,0% são mulheres (INEP², 2009). A região ocupa uma área extensa de 838 km, e administrativamente está dividida em três setores: Prábis, Safim e Quinhamel, sendo este último a capital da região. E dentre as oito regiões administrativas do país, Biombo é a que mais está próxima da capital, tendo parte do seu território muito perto

¹ Vale ressaltar que apesar de haver sacrifício do cão no ritual, a agressão a animais fora do espaço ritualístico é proibida e reprimida em toda a Guiné-Bissau.

² INEP- Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas da Guiné-Bissau.

da zona metropolitana de Bissau. Nos dias de hoje essa ligação fica mais evidente com a linha de transporte interurbano que foi estendida até Safim.

Vale salientar que Guiné-Bissau é um dos cinquenta e quatro territórios administrativos do continente africano. Está localizado na costa ocidental do continente e tem a sua extensão territorial de 36.125km² limitada ao sul com a Guiné-Conakry, ao norte, com o Senegal e ao oeste com o oceano atlântico (EINARDOSTTIR, 2004). De acordo com o Censo realizado em 2009, a população é de 1.442.227 de habitantes. O país também concentra uma diversidade e riqueza cultural muito grande por meio de seus diversos grupos étnicos. Os quais, cada um deles possui a sua língua e os seus princípios culturais que, na maioria vezes, o distingue com outros povos.

Os primeiros habitantes da atual Guiné-Bissau são os pepéis, sendo uma das hipóteses mais aceitáveis, e bastante conhecidas suas tradições de ritos de passagem, informações essas baseadas na tradição oral. Muitos desses grupos possuem como forma de transmitir conhecimento o uso da oralidade, ou seja, as informações conhecidas sobre esses povos são baseadas na transmissão oral de conhecimento como é o caso da história dos papéis (GARRAFÃO; SUBUHANA, 2018).

Segundo a tradição dos papéis, “Mecau, filho de rei de Quinara, andando à caça, chegou à ilha de Bissau. Gostou muito do lugar e resolveu aí instalar-se. Trouxe, depois, as suas seis esposas e também a sua irmã mais velha, já casada”. A mesma tradição indica que, “A irmã garantia-lhe a sucessão, de acordo com o costume matriarcal, segundo o qual é o sobrinho, filho da irmã mais velha e não o filho do rei, quem sucede ao trono”. Neste caso, “Mecau seria, pois, o primeiro rei de Bissau. Da sua irmã e das seis mulheres ter-se-iam originado as sete gerações (clãs) da etnia papel. A irmã de Mecau gerou o clã *Intchassu*, no plural *Bissassu*, donde se teria originado o nome Bissau”. (GARRAFÃO; SUBUHANA, 2018, p.11).

Ainda sobre a estrutura do povo pepel, Garrafão e Subuhana (2018) afirmam que, (...)os indivíduos desta geração se diziam bravos como a onça e por isso escolheram o apelido *Nanque*. Hoje também usam o apelido *Ié*. Ocupavam posições de mando: eram reis, fidalgos ou *djagras mala*. Uma das seis mulheres, gerou o clã *Intsó* (plural: *Bitsó*) que povoou Bandim. As pessoas desta geração escolheram como totem o sapo – *Có* – porque se dedicavam à agricultura, andavam metidos na água como os sapos.

Intsoma outra mulher, gerou o clã *Indjokomo*, no plural *Bidjokomo*, que povoou o alto Crim. Tinham como totem a hiena – *Cá* – pois eram destemidos guerreiros, atacavam como as hienas. *Djokom*, a terceira mulher, gerou o clã *Intsafinte*, no plural *Bitsafinte*, que povoou Safim. Usavam como totem a lebre – *Té* – pois diziam-se matreiros como a lebre. *Kliker*, a quarta mulher, originou o clã *Iga*, no plural *Biga*, que povoou Kliker

(atualmente Calequir). Esta geração escolheu como totem a cabra do mato – *Sá* – pois afirmavam serem rápidos como este animal. *Intende*, a quinta esposa, gerou o clã *Intsutu*, no plural *Bitsutu*, que povoou Mindara. Usavam como totem o *timba* ou urso formigueiro – *Djô*. Finalmente, *Intchopolo*, a sexta mulher, gerou o clã *Intsalé* (plural: *Bitsale*) que foi para Bissalanca. Esta geração escolheu como totem o macaco – *Indi* – pois eram hábeis para subir às palmeiras e extraírem o vinho de palma. Dos locais onde viviam estes clãs, expandiram-se depois para todos os pontos da região, sem discriminação territorial. (GARRAFÃO; SUBUHANA, 2018, p.11).

Portanto, ainda de acordo com essa tradição, os indivíduos do mesmo clã não podem casar-se, razão pela qual os casamentos deveriam acontecer somente entre as pessoas de clã diferentes.

O termo casamento no uso cotidiano, segundo Garrafão e Subuhana (2018), contém duas formas de entendimento distinto. A primeira, refere-se a união entre homem e mulher que vivem com intuito de formar futuramente família, enquanto a segunda forma remete à união pré-matrimonial. Ainda a mesma salienta, que ao analisarmos as sociedades contemporâneas, principalmente os estudos antropológicos, apontam muita diversidade que nos impossibilita de assegurar uma definição, por isso, para a autora é melhor que o termo casamento fique sem nenhuma definição (GARRAFAO; SUBUHANA, 2018).

De acordo com Moreira (1994), na teoria antropológica o casamento surge como um conceito à volta do qual não se reúne um consenso global. Ainda segundo ela, a multiplicidade das implicações (jurídicas, econômicas e rituais) e diferentes situações que abrange, conforme as particularidades do contexto sociocultural em que tem lugar, em muito colaboraram para a falta de consenso sobre a definição de casamento. Posto isso, na sociedade Pepel, um dos rituais de grande importância é o K'mar, que significa casamento. Os relatos tradicionais asseguram que é fundamental para uma mulher da sociedade papel realizar esse ritual de casamento.

A propósito do exposto acima, a pesquisa tem como a pergunta de partida o que segue: *Qual o valor simbólico, moral e material, do ritual de casamento na sociedade Pepel?*

2 JUSTIFICATIVA

O interesse pela temática relacionada à cultura papel e que me motivou a pesquisar o ritual de casamento “kmar” entre o povo de Biombo, está primeiramente relacionado ao meu pertencimento a este grupo.

Pesquisar acerca das diversidades culturais na Guiné-Bissau é sempre muito importante para melhor compreensão de como os nossos ancestrais se estruturaram ao longo da história,

deixando hábitos e costumes que são herdados por gerações a gerações, tendo como suporte a transmissão oral de pessoa para pessoa, ou de grupos para grupos.

O presente projeto se justifica por vários motivos, entre os quais se destacam a relevância social, política, cultural e acadêmica. A importância social tem a ver com o intuito de proporcionar a sociedade guineense a melhor compreensão do seu modo de viver e de entender o mundo e, também na valorização dos valores deixados pelos nossos ancestrais que tem estado a perder espaço para formas de viver do mundo ocidental.

No que tange a relevância política, justifica-se em ser futuramente um elemento instigador para o Estado guineense que tange às políticas voltadas para a valorização das práticas culturais tradicionais e da sua importância na manutenção da coesão social dos diferentes grupos que habitam o território guineense. Em relação ao aspecto cultural, justifica-se tendo em conta o cenário de globalização que os países são sujeitos a se envolverem em trocas de várias dimensões, neste sentido, torna-se pertinente a preservação das nossas culturas e modos de ser, razão pela qual, é fundamental propor uma abordagem desse tipo que visa a chamada de atenção para a valorização e recuperação das nossas identidades.

E, por último, a relevância acadêmica, justifica-se por ser mais um elemento que poderá enriquecer a bibliografia sobre a Guiné-Bissau que, como é sabido, existem poucas produções acadêmicas voltadas para essa temática devido às conjunturas estruturais que afetam o sistema de ensino na Guiné-Bissau e do campo da pesquisa que não cabe aqui a sua explicitação. Além disso, poderá servir de um arcabouço da minha parte como futura pesquisadora neste campo, acredito que vai me enriquecer na minha trajetória acadêmica. Além disso, poderá possibilitar e instigar debates sobre tradição e amodernidade com base nas relações matrimoniais.

3 OBJETIVOS

3.1 GERAL

- Analisar o valor simbólico, moral ou material do ritual de casamento na sociedade Pepel.

3.2 ESPECÍFICOS

- ❖ Analisar o ritual de casamento "*Kmar*" entre o povo Pepel de Biombo;

- ❖ Identificar e entender a simbologia atribuída ao cão "*Katchur*" neste ritual;
- ❖ Descrever o modo da aplicação e de pagamento do "*dote*" do noivo para com a família da noiva;
- ❖ Analisar as alterações do ritual nos últimos anos e de com as novas gerações de mulheres percebem a passagem de transição para o casamento.

4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

4.1 ENTENDENDO O CASAMENTO

De acordo com as discussões feitas pelos autores pesquisados ao que se refere ao casamento de uma forma geral, podemos entender que o casamento pode ser selado de formas diferentes dependendo do lugar. O casamento é uma representação de caráter simbólico que representa os indivíduos de sexos opostos e/ou do mesmo sexo, que se cruzam formando uma família ou um grupo familiar. O casamento envolve, portanto, os direitos aos relacionamentos e a um conjunto de realizações dentro de uma determinada sociedade.

Segundo Ghislane Ardjana (2016, p.42), o casamento e a família são conceitos extremamente ligados entre si, muitas vezes usados como sinônimos e que podem ser confundidos, mesmo quando se sabe que se trata de fenômenos distintos e que exigem campos de estudos separados.

Conforme vários autores, casar significa oficializar um laço matrimonial e a lei só o permite quando se verificam os correspondentes requisitos. Enquanto casamento na língua Papel do Biombo significa "*Kmar*", que é a união de duas pessoas de sexos opostos, que se juntam criando um laço familiar. O casamento é celebrado na base dos hábitos e costumes que engloba a vontade de ambas famílias.

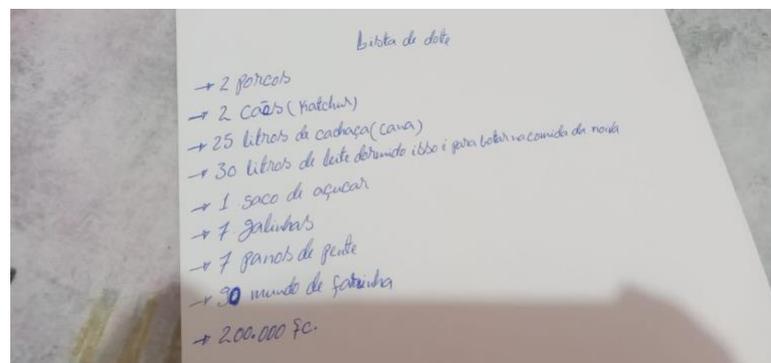
Segundo Johnson (2021), no seu *Livre Dicionário de Sociologia*, o casamento serve para identificar os filhos de uma forma legítima, e definir de forma objetiva o laço de parentesco com a mãe, o pai, e outros parentes. E para a etnia Papel, o casamento é um dos rituais mais importantes da tradição, sempre é transmitido por oralidade de geração, para geração. No entanto, para se casar a pessoa precisa passar por várias etapas na vida, cumprindo certos rituais que dão ao homem um estatuto social, capaz de desempenhar uma função que a sociedade lhe concede, ou seja, oferece a ele.

No que diz respeito à questão do dote, como em outras culturas de países do continente

africano, como em Angola e Moçambique, o rapaz é obrigado a pagar um dote para os pais da menina, podendo ser arroz, galinha, e será recomendado de acordo com as casas. Entram também no dote cabra e porco, que precisam ser fêmeas, é uma norma da tradição pepel. Essa cabra tem o direito de urinar antes de ser sacrificada. Faz parte também do dote sete panos de pente (*pinte lanceado*), que simboliza a riqueza das mulheres pepéis. Elas costumam ser *bideiras* (comerciantes informais) e o objetivo é possuir esses panos de pente que é um símbolo muito importante na cultura guineense, principalmente para o povo pepel.

No casamento tradicional pepel, o pano tem grande importância. O pano-preto é o principal que se usa na cerimônia de casamento tradicional “kmari”, passa a ser sagrado a partir do momento que é usado pela noiva, ou seja, os pepéis o consideram durante e após o seu uso no casamento. Com símbolo de matrimônio, na realização do casamento “kmari”, as noivas se vestem de pano-preto. Esse uso é considerado indispensável e insubstituível. Este pano é sagrado para mulheres casadas tradicionalmente porque, na concepção tradicional de pepel entre as mulheres idosas ou as que não vão ter mais filho, só elas têm por direito e a responsabilidade de usá-lo, com exceção de alguns momentos de “toca –tchur”, em que as não casadas podem usar, da mesma cor, mas já não tem o mesmo significado. As mulheres usam os panos em várias celebrações da cultura tradicional, e na maioria dos casos os homens são obrigados a comprar panos para suas esposas, não só como homenagem na celebração de casamento, mas também demonstrando o respeito e valorização que as mulheres merecem (IÉ, 2021. p. 46).

Figura 1 - Lista de dote da etnia Papel



A importância do cão na cerimônia do casamento tradicional pepel, segundo Edneusa Diamantino Cá (2016), o *catchur* (cão) serve para fazer a lavagem, ou pureza da mulher, e também simboliza a união entre os noivos, por ser um animal doméstico.

Na tradição da etnia pepel, um indivíduo para ser considerado integrante da mesma ou adulto, precisa passar por diferentes fases rituais, muito importantes. Uma delas é a “circuncisão” (fanado), com exceção das mulheres. Essa é a cerimônia de iniciação que abre o caminho para as outras cerimônias tradicionais da etnia. Um homem que já passou por esta fase, sempre tem um privilégio muito grande no seio da família. Para Cá (2010), o ritual de passagem

mais importante das mulheres pepéis é o casamento (“*kmár*”) e espera-se que toda mulher dessa etnia passe por ele. Segundo Cornélia B. Mfoungue (2012), na sua tese sobre casamento africano, mostra que casamento tem atraído muitos antropólogos que se basearam nas pesquisas para entender as suas realizações em diversas sociedades, tanto no modo africano como na concepção europeia.

Na concepção africana, quando o pai do rapaz pede em casamento ao pai da menina tem que cumprir algumas obrigações, por exemplo: o pretendente tem que começar a trabalhar para o pai da menina ou (Nimpili) ajudando nas lavouras, nas plantações até o momento de colher e limpar as fazendas (horta de caju), que é a maior plantação do país, e também no cultivo do amendoim.

Segundo a explicação de Bazzan (2014), a palavra casamento na concepção ocidental deriva da palavra “casa”, que significa junção de duas pessoas que se confiam criando laços entre elas e compartilhando o mesmo espaço, ou o convívio diário entre estas pessoas.

No que diz respeito à modernidade na cerimônia do casamento papel, estas estão mais ligadas a questões religiosas da modernidade, vindas do ocidente, as quais têm afetado as tradições culturais do povo, cujas muitas das práticas cerimoniais não estão mais sendo cumpridas, dependendo da vontade das pessoas que vão se unir. O dualismo entre a tradição, ou seja, as cerimônias tradicionais e a modernidade é um dos grandes desafios enfrentados atualmente pelas sociedades e dirigentes africanos, resultado da absorção de novos conhecimentos, principalmente provenientes de educação escolar e organização sociocultural vindas do ocidente. Junto a estes, estão as influências linguísticas que fazem com que as línguas nativas africanas estejam cada vez mais perdendo a sua essência e o seu valor.

Segundo Na Iongna Armando (2019), a tradição é o conhecimento que se transmite implicitamente, através da observação e da imitação de posturas, de atitudes, de regras. É a modalidade tradicional da experiência que preside às visões de mundo que, ainda hoje, em todas as sociedades, continuam a dar sentido e conferem legitimidade aos discursos e às ações espontâneas da vida quotidiana e do senso comum, que dão sentido à experiência do homem inserido na sua comunidade de pertença.

4.2 ENTENDENDO O CASAMENTO NO POVO PEPEL

De acordo com Pires (2013), nas cidades, as mulheres pepéis são as principais responsáveis pela sustentação de seus lares, desempenhando diferentes trabalhos para poder “manter o fogo das casas aceso”, ou seja, garantir a sobrevivência de seus lares. Mulheres

trabalham como vendedora (*mindjeris bidiras*) nos mercados informais ou viajando para fazer comércios em outras localidades.

Ainda segundo Pires, ela vai dizer que uma outra atividade econômica praticada pelas mulheres pepéis, é o *abota*, que consiste em um sistema associativo de poupança e crédito rotativo entre um determinado grupo. Há leis estabelecidas em relação às novas pessoas que querem participar nessa atividade desse crédito, contendo até mesmo um castigo, aos que não cumprirem com as regras estabelecidas. Normalmente o *abota* é estipulado entre pessoas que trabalham juntas ou realizam atividades econômicas em mesmo lugar.

No dizer da autora, por meio do *abota*, muitas mulheres sustentam a casa, podem exercer atividades econômicas e artísticas, aumentar suas rendas familiares e garantir uma certa independência financeira em relação ao marido. Posto isto, o *abota* em seus primeiros tempos, funcionou como espaço de solidariedade e de trocas entre mulheres pepéis.

Segundo Pires (2013), as uniões matrimoniais reconhecidas pela comunidade pepel são as tradicionais. E pessoas que se casam por meio de cerimônias civis são consideradas solteiras pelos pepéis, já que tais cerimônias não têm legitimidade em sua cultura.

De acordo com Pires (2013), existem alguns conceitos-chave do sistema de casamento pepel. Apresentamos alguns conceitos-chave ligado à instituição dos casamentos tradicionais da etnia pepel: Pu-a barriga, Mur-a linha, Olef nhar-corpo da mulher, M'pili-a menina.

A) (Pu) – a barriga e a “linhagem”

Regressamos, por um momento, a questão da continuidade e da identidade pepel. Ela se concretiza, por meio de transmissão materna. O seguinte provérbio da língua crioulo exemplifica essa conceituação, deixando claro que um pepel é filho da mãe da barriga, (pu), isto é, o pepel pertence a linhagem da mãe: “fidju ta padido tras de si papé ma e ka tras de si mamé”, isto significa que o filho pode nascer longe do pai, mas não longe da mãe”.

Portanto, para ser considerada uma mulher (*neegne*), portadora ou transmissora da linhagem, é preciso ser uma mulher adulta. Isto é segundo a cultura pepel, só possui ‘a barriga uma mulher que se casou tradicionalmente no “kmar”.

Apenas mulheres que casaram, cortaram a linha possui barriga e pertence a uma kinha (geração) pode participar de rituais relevantes na cultura pepel.

B) Mur-linha, cordão

Ainda de acordo com Pires (2013), a mur (linha) é um cordão feito com entrelaçamento de alguns panos de pente. Quando esse cordão é arrebitado, a mulher além de casada, passa a ser considerada adulta. A partir desse instante, ela será fundadora de nova família, assim será responsável por um ramo de uma kinha (geração).

No dizer da autora, podemos entender que com o rompimento de mur (liha) durante o casamento, a mulher deixa de pertencer ao pai e passa a pertencer ao marido.

Podemos notar que a barriga (pu) é uma relação contínua entre gerações, estabelecida por meio de mulheres, a linha (mur) refere-se a uma relação descontínua, que muda por meio dos homens. Se barriga (pu) é idioma da “cosanguinidade” ou parentesco, a linha (mur) é a manifestação da aliança de casamento (como resultado dela, na relação entre pai e filha, e como meio de produzi-la, na relação marido/mulher).

C) Olef nhar - o corpo da mulher

Segundo Pires (2013), podemos assumir que o corpo da mulher (olef nhar) nunca de fato pertenceu à própria mulher. Bambraca uma das entrevistadas de Pires, de 53 anos, de umas das tabancas de Biombo, contou que antigamente, quando a mulher paria uma menina, vinha um homem e amarrava uma linha vermelha no braço da criança. Isto era o pedido de casamento. Mas agora a mulher é livre de escolher o próprio marido, digo isto, porque pertenceo essa etnia.

Pires (2013) afirma que durante a juventude o corpo feminino é uma “posse” do pai: vive na casa dele, é criada e educada e punida por ele, e em última instância, é ele que tem poder de decidir sobre sua vida e morte. Após o casamento, parte desse poder é transmitido ao marido. Ainda assim seu poder não está no mesmo nível do pai da sua esposa.

A mulher desloca-se, após a cerimônia do casamento “kmar” para viver junto aos familiares do marido. Mesmo depois de uma possível separação, e com novos relacionamentos, continua ligado a este homem que cortou a linha (mur) durante o casamento. Quando a mulher falece, o marido e sua família exige que o enterro seja feito nas terras da linhagem do homem.

D) M’pili –a mulher solteira

O termo pepel m`pili refere-se aquelas mulheres que ainda não passaram pelo ritual tradicional de casamento (kmar), o qual para mulher, também constitui um ritual para a vida adulta. Portanto, no mundo pepel, é aquele que é casado tradicionalmente. Isto significa que a mulher que se casa em uma outra cerimônia católica ou civil, são consideradas solteiras, meninas. Essa regra é fortemente respeitada entre os papéis.

Para as mulheres pepel, umas das razões principais que alimentam a prática do casamento tradicional (kmar) “é de seguir os ancestrais, e quando a mulher não se casa tradicionalmente é considerada como “ninguém”, sem respeito. Elas casam com certeza para garantir esse respeito na família e na sociedade, portanto, deixa de ser M’pili (badjudá) (menina) e passa a ser mindjer ou neegne (mulher)” (GARRAFÃO; SUBUHANA, 2018, p.6).

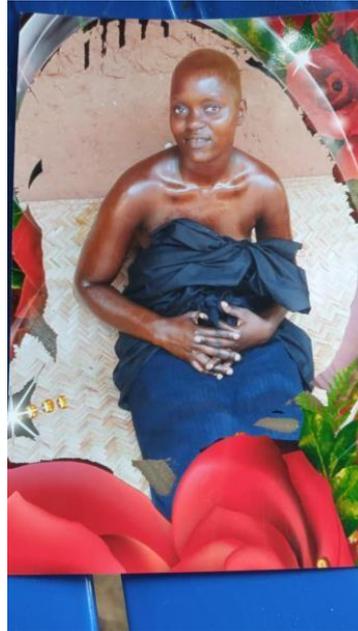
Para a compreensão mais empírica do casamento, Garrafão e Subuhana (2018) realizaram entrevistas a mulheres de Guiné-Bissau, residentes na capital Bissau, da etnia pepel

de Biombo. Todas as entrevistadas eram casadas tradicionalmente (kmar), e passaram pela cerimônia de casamento tradicional. Sobre o ritual do casamento, contaram:

(Neuzi) meu marido foi fazer o pedido com um (1) litro de cachaça (cana), um (1) litro de vinho e 15 folhas de tabaco para o meu pai, sete (7) panos de pente para minha mãe. Liberaram a mão em casamento a ele. Em primeiro lugar fizemos o ritual de lavagem, no local onde fui entregue pelo meu pai, como forma de agradecimento aos balobas (lugares sagrados) que me protegem. Na mesma “baloba” foi feito sacrifício de animais, de acordo com o número de balobas onde fui entregue, dois (2) Cães (Katchur), uma Cabra, dois Porcos e farinha de arroz de terra para festa (GARRAFÃO; SUBUHANA, 2018, p.8).

Uma coisa importante que podemos ver aqui é como a entrevistada fala dos principais pontos do casamento tradicional “kmar”. No primeiro momento o noivo leva um (1) litro de cachaça, um litro de vinho e 15 folhas de tabaco para pedir a sua mão em casamento. Logo após da aceitação dos pais, ou seja, da família da noiva, o marido faz a farinha para selar o laço de casamento, uma declaração que realmente tem intenção de casar com a noiva. Para essa cerimônia, o noivo faz a listagem de todas as coisas necessárias que os pais da noiva exigiram, que são a quantia de 200 mil fc, animais, bebidas e ainda o marido arruma o dinheiro para a noiva fazer despedida de solteira com as amigas. Essa prática de despedida de solteira não estava presente no casamento tradicional (kmar). No decorrer do ritual, a tia do noivo vai buscar a noiva e levar para a aldeia (morança) do marido, ali é cortado o cabelo da noiva e a linha de compromisso, que mostra que já está na mão do seu marido. Antes era cortado todo o cabelo da noiva, sendo que hoje por conta da modernidade, tem a opção de cortar só um pouco do cabelo. Fazem a comida de óleo de dendê e leite para servir à noiva e aos seus acompanhantes. Também no ritual fazem sacrifício de animais, dependendo de quantas balobas (lugares sagrados) “a mulher deve fazer lavagem” (GARRAFÃO; SUBUHANA, 2018, p.8).

Figura 2 - Noiva da etnia Papel



E nos relatos vão dizer que a “festa de casamento tradicional “kmar” de modo geral é uma festa muito divertida. Durante a festa parentes e amigos dançam e muitas vezes é consumida muita bebida e comida: “No meu particular foi uma festa muito divertida. Eu estava muito feliz” (GARRAFÃO; SUBUHANA, 2018, p.13).

Quando perguntado para as entrevistadas se o casamento “kmar” ocorreu de maneira que elas gostariam de se casar, todas elas responderam que sim, foi com o marido que gostariam que fosse. Vale ressaltar que hoje em dia são visíveis leves sinais de mudança no jeito em que o casamento tradicional (kmar) é praticado e essas mudanças, não mudam o valor do casamento tradicional ‘kmar’.

Portanto, o casamento tradicional pepel “kmar” é de grande importância na vida das mulheres da etnia pepel, pois só depois que a mulher passar por esse ritual é que passa a se sentir mais completa, valorizada, mais feliz com mais status, útil para a sociedade, ou melhor, uma mulher autêntica e com direitos.

5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Com base na orientação do tema e pergunta de partida, buscaremos resposta para a problematização proposta na investigação. A metodologia escolhida para executar a pesquisa será a abordagem qualitativa. De acordo com Strauss e Corbin (1990), pesquisa qualitativa é a

definida como sendo aquela que os resultados obtidos não são provenientes dos procedimentos estáticos ou outros de qualificação. Por outro lado, no dizer Triviños (1994), diz que muitas pesquisas de natureza qualitativa não precisam apoiar-se na informação, isto não significa que sejam especulativas.

Existe a pretensão de trabalhar com estudos de casos que irão auxiliar nas análises dos documentos levantados, como também poderão ser comparados com outras situações que já foram retratadas em teses, dissertações, artigos, e em outras produções acadêmicas. E, ao longo da nossa pesquisa, pretendemos também usar metodologia quantitativa com base nas observações estatísticas de vários casos observáveis nos momentos de casamento tradicional Papel na região de Biombo. Além disso, efetuaremos pesquisa de campo, utilizando a ferramenta da entrevista.

A coleta de dados será realizada com base nos bancos de dados, acervos digitais, pesquisas na internet, nas Bibliotecas, na Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas (INEP) em Guiné-Bissau, entrevistas com o grupo pepel de Biombo, Régulos e principais figuras que fazem parte deste povo, respeitando a equidade do gênero. Além disso, o principal foco da entrevista será a participação das mulheres nos rituais de casamento (k'mar), podendo ser entrevistadas mulheres que casadas e mulheres que estão em idade de casamento.

6 CRONOGRAMA

ETAPAS	JAN 2022	FEV 2022	MARÇ 2022- 2023	ABR 2023- 2024	MAI 2024- 2025	JUNH 2025- 2026
Atividades a Serem desenvolvidas por ano/semestre	1º semestre	2º semestre	3º semestre	4º semestre	5º semestre	6º semestre
Seleção de materiais de leitura bibliográfica	X	X	X			
Elaboração de fichamento da bibliografia	X	X	X	X	X	
Realização do trabalho de campo		X	X	X	X	
Elaboração do texto da Monografia				X	X	X
Defesa da Monografia						X

Referências

ARDJANA, Ghislaine F. L. Robalo. **A Tradição De Casamento Arranjado Nas Etnias Balanta E Mandinga Na Guiné-Bissau**, 2016.

CÁ, Edneusa Diamantino. **Casamento da etnia Papel**. Na Guiné-Bissau. Relatório da UNILAB, 2016.

PIRES, Inaida Antônio. **A performativa no casamento da etnia Papel**. Disponível em <http://oquevcfazcomasualingua.blogspot.com.br/Acesso> em: 7 ago,2013.

CÓ, Carlos Humberto Butiam. INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa), Bissau,2010.

EINARSINARSDOTTIR, Jonina. Tired of weeping: Mothar love, child death, and poverty in Guinea-Bissau. Madison, WI: The University of Wisconsin Press, 2004.

MALUNGA, Didier. MUZZI, Mariana. **Casamentos Prematuros – Instrumentos Internacionais, Regionais Africanos, Legislação nacional em países Africanos e em Moçambique**. Maputo, abril de 2014.

MFOUNGUE, B. Cornélia. Le mariage africain, entre tradition et modernité. Étude socioanthropologique du couple et du mariage dans la culture gabonaise. These de Doctorat d'Université Paul-Valéry — Montpellier III arts, lettres, langues, sciences humaines et sociales école doctorale n° 60 « territoires, temps, sociétés et développement » UFR V — Science du Sujet et de la Société. Mai, 2012.

NA IONGNA. Armando. **O casamento na etnia Balanta: Tradição e Modernidade**. Repositório da UNILAB, 2019.

IÉ, Jacque Mário Almeida. **Usos e valor de panu-di-pinte nas cerimônias tradicionais do povo Papel em Biombo-(Guiné-Bissau)**. 2021.

GARRAFÃO, Yolanda Victor Monteiro. SUBUHANA, Carlos. O casamento tradicional na Guiné-Bissau: O K'mari na etnia Papel. **Revista África e Africanidades**- ano XI-n. 26, abr. 2018- ISSN 1983-2354.